

DUAS PEÇAS DE
PRISTA MONTEIRO

o colete de xadrez
folgado do rei coxo

arcadia





colecção teatro / arcádia

Unfuro 2133

Duas Peças

De

Prista Monteiro

O COLETE DE XADREZ

e

FOLGUEDO DO REI COXO

DO AUTOR

TEATRO

AS TRISTEZAS DO AMOR, A. T. — 1978, 1982

A BARRICADEIRA, Ed. de S. P. A. A. T. — 1978, 1982

O MUNDO DA FORTUNA, Ed. de S. P. A. A. T. — 1978, 1982

O ANTI-TEATRO, Ed. de S. P. A. A. T. — 1978, 1982

A BARRICADEIRA, Ed. de S. P. A. A. T. — 1978, 1982

O MUNDO DA FORTUNA, Ed. de S. P. A. A. T. — 1978, 1982

O ANTI-TEATRO, Ed. de S. P. A. A. T. — 1978, 1982

O MUNDO DA FORTUNA, Ed. de S. P. A. A. T. — 1978, 1982

O COLETE DE XADREZ

(Tradução de S. E. C. — 1978)

Prêmio Monteiro Lobato, S. P. A. A. T. — 1978

AS BARRICADEIRAS, Ed. de S. P. A. A. T. — 1978

(1.º Prêmio de Teatro de S. E. C. — 1978)

O MUNDO DA FORTUNA

(1.º Prêmio de Teatro de S. E. C. — 1978)

FOLGUEDO DO REI COXO, Ed. de S. P. A. A. T. — 1978

(Tradução de S. E. C. — 1978)

O COLETE DE XADREZ, Ed. de S. P. A. A. T. — 1978

NATURALMENTE SEMPRE, Ed. de S. P. A. A. T. — 1978

TÍTULO

O Colete de Xadrez — Folguedo do Rei Coxo

COLEÇÃO

Teatro/Arcádia

CAPA E PLANO GRÁFICO

Antônio Pedro de Carvalho

© Prista Monteiro

1.ª edição — Setembro de 1983

Edição n.º 825

Esta edição, de que se tiraram 1000 exemplares,
foi composta e impressa por Santelmo
e acabada nas Oficinas Gráficas da Editora Arcádia

FOLGUEDO DO REI COXO

*Destaque pela Secretaria de Estado da Cultura
em 1979*

(5 Quadros)

LISBOA

VERÃO 61

I QUADRO

CENA — (Avant-scène. Fundo de cortinados negros. A luz incide sobre uma mesa coberta por um pano e em cima da qual está um tabuleiro de xadrez. Há duas cadeiras a uma das quais se senta um homem de certa idade. Tem um ar sonolento e de vez em quando consulta um relógio de bolso para, logo após, voltar à mesma posição. No tabuleiro as peças estão dispostas ao acaso. Em dado momento começará a ouvir-se o rujar de um tambor que irá subindo de intensidade para terminar bruscamente com a chegada de um novo personagem. Trata-se de um homem com cerca de setenta anos, corpulento, alto, que embora coxeie desagradavelmente nos dá ainda, assim, uma sensação de força e violência. Usa uma muleta que empregará para vários fins. Veste calças de veludo preto e uma

camisa branca completamente desabotoada e com as mangas arregaçadas.

Quando entra pára junto à outra cadeira olhando com irritação o parceiro sonolento que à sua entrada consulta mais uma vez o relógio e diz:)

PARCEIRO — Vieste tarde... hoje! Que foi?

HOMEM — (Olha, colérico, à sua volta. Depois senta-se bruscamente, muleta entre as pernas e começa a falar vertiginosa e ininteligivelmente. A princípio apenas se aperceberão sons isolados, depois a pouco e pouco palavras soltas como «cabeça», «casa», «pescoço», «dinheiro», etc., até que finalmente se poderá entender já uma frase completa e nítida.)

— Ra-cho-o! Ra-ch... ele vai ver!

PARCEIRO — (Pouco interessado e distribuindo o jogo)

— Que foi?

HOMEM — (Arfando ainda) Lá em casa... (Pausa)

O mais novo!... (Pausa)

Hoje... foi lá um arraial... hoje! (Pausa)

O sacana!!

PARCEIRO — (Pouco interessado) Hum! O adoptivo!

HOMEM — (Sempre colérico) Quer casar, hem! Um tipo!... daqueles. Nem a ele se pode governar... quanto mais!... Quer agora ir governar uma casa! Uma casa hem! Mulher, filhos... sei lá, tudo! (Pausa)

Está muito enganado... que eu depois, não quero ter remorsos, não. Depois ham!... Depois

era eu o responsável, chiga! Nem que tenha de o rachar... de alto a baixo!

PARCEIRO (*Sonolento sempre*) Hum, hum!

HOMEM — Um tipo daqueles, hem!...

PARCEIRO — Quantos?

HOMEM — O quê?

PARCEIRO — ... anos? Quantos?

HOMEM — Ah! Um fedêlho, dezoito! Ainda cheira a mijo!

PARCEIRO — (*Parando de jogar. Ansioso*) A mijo? Tu... tu não, nunca o ensinaste a lavar-se, a... a tomar banho!?

HOMEM — (*Com irritação*) Ensinar!? Ensinar!? A mim ninguém me ensinou. (*O Parceiro encolhe os ombros. (Pausa.)*)

— Sem falar já... sim, que ele não pode, (*Faz com os dedos sinal de dinheiro*) que ele não tem a ponta dum... (*Nova pausa e depois com renovada violência*)

— E para que precisava ele de uma casa? Não tem já uma? Onde tem vivido até agora? Ham? (*Pausa*)

E não tem vivido bem?! Com tudo!... Boa cama, boa mesa...! O seu fato jaquetão... sapatos, cinema... bola ao domingo... O grande filho... da...! Que mais quer ele afinal! Sim!? Falta-lhe alguma coisa? Ah! Racho-o! Palavra que o racho. (*O parceiro olha-o sobressaltado. Jogam. Pausa. Depois o Homem já um pouco mais calmo.*)

— As brancas?

PARCEIRO — Sim! Sou eu quem sai.

HOMEM — (*Violento, retira-lhe as pedras*) Não, pá! Sou eu quem ataca.

PARCEIRO — (*Duvidando mas cedendo*) Hum!

HOMEM — (*Voltando ao assunto*) Isto... uns ingratos! É o que eles são todos. Um pai — UM VERDADEIRO PAI, HEM! — veste-os, calça-os... e depois... (*Manguito*) Quando adoecem, é médico... farmácia... sei lá! Empata a gente capital... e quando se apanham servidos... ala que se faz tarde... com a primeira gaja que os convence. Ah! Mas este... está muito enganado. Olá se está. Hoje... foi assim. Para a próxima... (*Assenta um murro sobre o tabuleiro, espalhando as pedras que pacientemente o Parceiro vai a seguir compor de novo.*)

— Irra! Lá em casa quem manda sou eu! Sou o dono! Deles todos! Sou a cabeça! Se não sabem o que lhes convém... sei eu por eles. E hei-de ensiná-los... para bem deles. Nem que seja à porrada! Mas é para seu bem. Depois ainda me hão-de agradecer.

À palavra «cabeça» o Parceiro que acabou de arrumar as pedras retira de baixo da mesa uma coroa real até aí invisível e vai com passo de cerimonial depô-la na cabeça do Homem, que continua não se dando conta do facto.

— Filhos destes!... (*Cospe para o lado*) E então adoptivos, como este sacana...

PARCEIRO — (*Mexendo as pedras*) Hum, hum!

Pausa mais demorada. Jogam em silêncio. Ao fim de algum tempo e de ambos terem tomado algumas pedras será o Homem quem acaba por ganhar tomando um peão que empunha orgulhosamente.

HOMEM — Assim, ham! Assim é que é! Percebeste!?

PARCEIRO — *(Desiludido)* Hum!

HOMEM — *(Violento)* O que é preciso, é pulso! Pulso e miolos, ouviste! Força e cabeça! Vês!? Vês o que faço a este peão? *(Aperta e parte o peão na mão)* É o mesmo! É o mesmo que ele me está lá a pedir. *(Gargalhada)* Se me torna a falar em casar!...

PARCEIRO — *(Em sobressalto)* Eh! Quebraste a pedra, homem!

HOMEM — *(Rancoroso)* Ham!? O quê? Ah! E a ele, faço-lhe o mesmo!

PARCEIRO — *(Mais surpeendido que indignado)* Mas,... era um peão preto!! Não era o teu filho!

HOMEM — *(Triunfante)* Tomei-o, não tomei? É meu!

PARCEIRO — *(Tímido)* Hum! Ainda podia recuperá-lo.

HOMEM — Qual recuperar, nem meio recuperar! É doido! Quando tomo uma coisa... é minha; E se é minha... é para sempre. *(Nova punhada no tabuleiro e de novo o Parceiro vai arrumar as pedras)* Ouviste!? Antes morrer! Ham! Antes morrer!

Neste momento o Parceiro retira debaixo da mesa um manto real e vai depô-lo, sempre em passo solene, sobre os ombros do Homem que como anteriormente, não revela tomar conhecimento disso. O Parceiro volta depois rapidamente para o seu lugar e recomeçam o jogo. O Homem parece agora tranquilo e satisfeito consigo próprio. As jogadas vão sendo contudo cada vez mais espaçadas. Ambos estão consados e cada vez mais lentos.

PARCEIRO — (*Estranhando*) Mo-Morrer!?

HOMEM — (*Depois de uma pausa*) Sim, homem!... Morrer!

PARCEIRO — (*Cada vez mais vagaroso*) Morrer? (*Ansioso*) Ouve! Mas eu... eu não quero...!

HOMEM — (*Pausa ainda maior*) Ham? O quê? (*Pausa*) Que é que tu... não queres?

PARCEIRO — (*Que recaíra de novo na sua sonolência. Pausa*)

Ouve! Lá... lá em casa!?...

HOMEM — (*Pausa ainda maior*) Ham!?

PARCEIRO — (*Adormeceu. Contudo acorda por momentos, arrisca outro lance e deixa-se cair agora definitivamente adormecido*)

HOMEM — (*Sucedeu-lhe o mesmo mas mantém contudo fechado na mão o peão que esmagara e vai agora, pouco a pouco, entrando em agitação crescente e pronunciando:*)

N, n, não!... N, n, não! Não!!!

(A luz começa lentamente a extinguir-se
Acaba por estar a gritar) Não! Não! Não!
Não!... (Pausa) Não!... Não!... Não!...
Não!...

A luz continua a extinguir-se. Quando tudo
fica às escuras, continuará a ouvir-se ainda
aquele grito. Momentos depois a luz reaparecerá
e é ainda ele que, de pé, agora, está gritando

— Não! Não! Não!

(A cortina negra foi corrida para dar
lugar ao cenário do II Quadro.)

II QUADRO

(Cena previamente montada por trás da cortina do I Quadro. Representa o pátio de uma das torres dum castelo. O chão é formado por largos mosaicos pretos e brancos como os de um tabuleiro de xadrez. Quando a luz atingir o seu acmé haverá assim, uma luminosidade coada e ver-se-á então que o Parceiro e a mesa de jogo do I Quadro desapareceram e que o Homem com as insígnas que anteriormente lhe tinham sido postas — manto e corôa — deu agora lugar à imagem do Rei, horripelmente manco, que utilizará a sua muleta, ora como ceptro, ora como arma de agressão. Tanto ele como os restantes sete personagens, representarão «figuras» do jogo do xadrez. Todos virão vestidos de branco — pedras brancas — à excepção de um peão — pedra preta única. Estarão

vestidos à actualidade mas trarão um pequeno símbolo representativo do lugar que lhes compete no «tabuleiro». Assim, a Rainha, sempre sem coroa, trará um manto também, mas muito velho, desbotado e com vários rasgões. O Bispo, será aqui uma velha, vizinha, confidente, alcoviteira, etc., e virá cuidadosamente vestida, usando chapéu que será facilmente reconhecido como a réplica duma mitra bispal. Além do Rei — O Pai, da Rainha — a Mãe — e do Bispo — a Vizinha, haverá ainda cinco filhos. Os dois mais velhos são respectivamente um rapaz e uma rapariga e serão representados pelos dois Cavalos e trarão cabeças de burro. São os executores, como filhos mais velhos e preferidos, da autoridade do Pai. A seguir vêm o 3.º e 4.º filhos que são gémeos e que tal como o 5.º filho — o mais novo portanto — são Peões e que se distinguirão apenas por os dois primeiros serem peões brancos enquanto que o último é um peão preto. Estes três últimos filhos não trarão qualquer insígnia mas virão flagrantemente mais mal vestidos que os dois mais velhos — os Cavalos.

Em resumo, haverá os seguintes personagens:

Rei Coxo — o Pai

Rainha — A Mãe

Bispo — A Vizinha

- 1.º Cavalo — *Filho mais Velho*
2.º Cavalo — *Filha*
1.º e 2.º Peões — (Branços) *Filhos*
gêmeos
3.º Peão — (Preto) — *Filho adop-*
tivo

Sempre que um dos filhos for «leva-
do» pelos outros a saída deles far-se-á
por uma sugestão de «ballet» inspirado
nos movimentos das pedras do jogo de
xadrez.

Sempre que os filhos satisfizerem as
imposições do Pai ouvir-se-á o côro.

REI COXO — (Na sequência do final do I
Quadro. Com violência crescente)

— Não, não e não! Já disse!

PEÃO PRETO — (Humilde) Pai! Por favor,
pai! Eu... eu já não saberia... viver sem ela!
Ela é... é tão linda, pai! Eu sei! O pai, crê que
tem razão... (Gesto de violência do Pai) Ter
razão... não ter razão... é questão de posição,
pai! E sabe, pai? Eu, eu também penso que a
tenho. O pai... já experimentou desse lado. Ago-
ra, venha espreitar do meu.

REI COXO — (Com ironia) Enfim! Você...
julga-se muito esperto, não é? Muito seguro...
(Violento) O que você quer é uma aventura,
não é? E depois!? E quando não puder já voltar
para trás? Ham!? (Pausa)

E nós!? E a sua família?! (Grito) E eu!?

PEÃO PRETO — Mas pai, um dia teria de
ser. O pai também casou... também lutou para



Executado na
SANTELMO
Cooperativa de Artes Gráficas
S C A R L
LISBOA
1 9 8 3